

LEITURA DINÂMICA

O Brasil e os bancos credores estão mais próximos de um acordo para a dívida externa, porque nosso governo parece agora disposto a começar a pagar os juros atrasados. E o presidente da Citrosuco, Horst Happel, foi proibido de negociar no mercado futuro da Bolsa de Algodão

de Nova York, pela prática de operações irregulares. Na página seguinte, a greve dos petroleiros prossegue sem acordo. Já começa a faltar gás no Paraná e o interior do País pode em breve ficar sem diesel. Na página 13, tudo sobre o Projeto, com o qual Collor quer colocar o Brasil no

Primeiro Mundo, chamando o Congresso a dar uma contribuição fundamental. Na 14, o Procon ajuda você a fazer os cálculos dos reajustes dos aluguéis. Na 15, o governo brasileiro promete apresentar nova lista ao Gatt com redução de tarifas de importação para milhares de produtos.

Acordo com os credores está mais próximo

Com os representantes dos bancos e do governo brasileiro envolvidos numa corrida contra o relógio, em Nova York, para chegar a um acordo sobre o pagamento de mais US\$ 8 bilhões de juros atrasados, a comissão do governo dos EUA encarregada de avaliar a qualidade dos empréstimos internacionais dos bancos norte-americanos tratará hoje do caso brasileiro.

No meio financeiro, informa de Washington o correspondente **Paulo Sotero**, não há dúvida de que os nove funcionários que compõem a comissão, conhecida pela sigla ICERC (Interagency Country Exposure Risk Committe), recomendarão uma nova reclassificação dos créditos de médio e longo prazo ao Brasil, que não rendem juros desde que o governo Sarney suspendeu os pagamentos, em meados de 1989.

A decisão final será comunicada por carta diretamente aos bancos, num prazo de duas a três semanas depois da palavra final do secretário do Tesouro, Nicholas Brady, do presidente do Federal Reserve Board, Alan Greenspan, e do presidente do Federal Deposit Insurance Corporation, William Seidam.

Ainda que a moratória brasileira não seja a causa da atual instabilidade no setor bancário americano e haja, entre os reguladores, quem defenda um tratamento espartano dos empréstimos inadimplentes, acredita-se que Washington não aumentará a pressão sobre o capital dos bancos ordenado uma nova reclassificação, se puder evitá-la.

Fontes financeiras emitiram ontem sinais contraditórios sobre as chances de um acordo. "Estamos chegando ao ponto em que se alguma coisa não acontecer teremos que interromper as conversas", disse uma fonte do comitê. Executivos familiarizados com as negociações indicaram, no entanto, que as duas partes estão fazendo um esforço para aproximar suas posições e disseram que o acordo pode sair nos próximos dias.

A posição brasileira é de que o acordo só não será feito se os bancos não quiserem: o negociador oficial, embaixador Jório Dauster, tem ordens de permanecer em Nova York até que o entendimento seja alcançado.

Em São Paulo, o presidente do Bank of America no Brasil, Joel Korn, acredita na possibilidade de um acordo em relação ao pagamento dos juros atrasados da dívida, principalmente porque tanto o Brasil como os credores têm assumido uma posição mais flexível.

Para o presidente do Conselho Administrativo do Banco de Tokyo, Toshiro Kobayashi, as negociações começam a ganhar um ritmo mais adequado, apesar de ainda ter um "um caminho a ser percorrido até que seja obtido um acordo".